

A educação segundo a ótica de Adorno

Coletânea publicada pela Paz e Terra retoma as características típicas do filósofo ao discutir o tema nas suas relações com a mídia, com a política ou no campo mais restrito do trabalho educativo

LUIZ FELIPE PONDÉ
Especial para o Estado

Educação e Emancipação é uma coletânea que reúne entrevistas e conferências de Theodor W. Adorno. Além das chamadas características "típicas" adornianas, a saber, sua complexidade conceitual, sua melancolia pessimista, seu "reacionarismo" anticultura de massa e sua profundidade na aventura da reflexão intelectual (aliás, esta última característica, para alguns partidários das superficialidades ao portador, seria um resíduo "elitista" eurocentrado), outro dado que é facilmente apreendido é a referência constante à tradição dialética (Hegel, Marx, Benjamin), à ciência institucional, à sociologia materialista e à psicologia profunda de Freud (em Adorno podemos acompanhar o pensamento

freudiano naquilo que tem de mais rico do ponto de vista antropológico, e de mais árduo e indesejável para o ávido mercado gigantesco das psicoterapias, isto é, a visão freudiana do homem como um ser a priori patológico).

Poder-se-ia dizer que é exatamente na necessidade de frequentar tamanha carga filosófica para se chegar a Adorno que reside um dos nós de sua complexidade. Mas na realidade é mais que isso: evidentemente Adorno não fica no comentário sobre esses autores, ele estabelece uma teia conceitual particular a partir deles, e é daí que se lança na destruição da aparente naturalidade que permeia os objetos de sua preocupação. Ao longo de tal processo, traz à tona os condicionamentos psicossociais e históricos (a artificialidade do objeto), rompendo

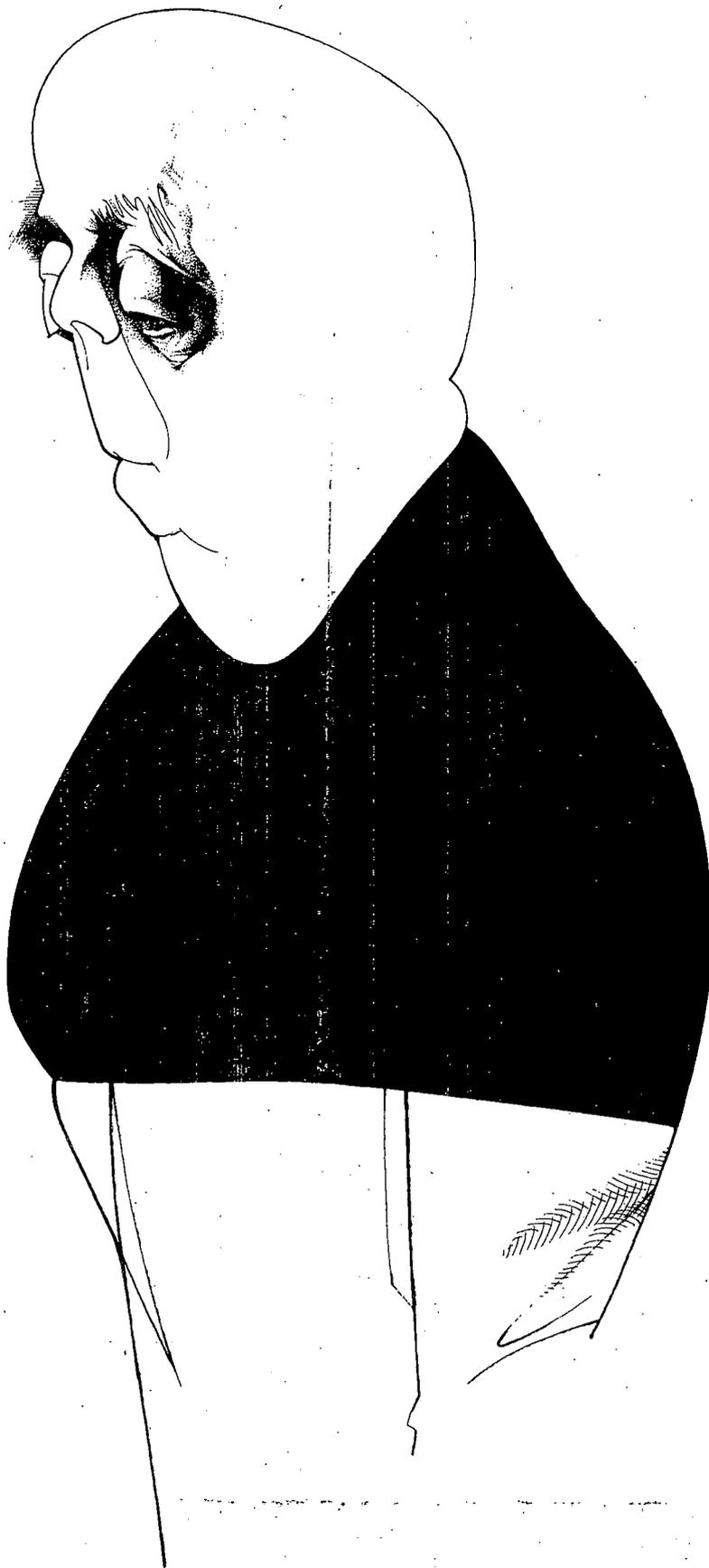
com a ilusão de natureza (típica da condição alienada).

Evidentemente que, em se partindo do campo restrito (superficial e mal-idealizado) onde se dá a maior parte da formação de nosso pessoal universitário destinado "institucionalmente" a lidar com os temas psicológicos, pedagógicos e sociais, fica difícil acompanhar tal percurso de referências cruzadas. O problema da relação entre teoria e prática, tão caro a Adorno e aos frankfurtianos em geral, não parece preocupar a maioria esmagadora dos profissionais praticantes da psicologia e pedagogia no Brasil. Seria fácil imaginar o que diria Adorno sobre meninas

de 20 e poucos que, sem a mínima idéia de quão determinadas são pela infraestrutura histórica psicossocial (munições do capital do pai ou do marido, e de algum manual de psicologia ou pedagogia pa-

ra iniciantes), se lançam ingenuamente à árdua tarefa de "construir" a educação e a psicologia aplicada ...

Sem dúvida que se perde muito ao se tomar esta coletânea sem o apoio logístico referido acima. Todavia, diante do social existente (conceito caríssimo para o nosso autor) brasileiro, e das condições da nossa formação educacional, julgo que seria urgente a leitura de tal coletânea por parte daqueles que pensam ser profissionais da educação (desde os mal intencionados market-oriented até os ideológicos). A leitura de *Mínima Moralia*, do mesmo autor, ajudaria enormemente na compreensão da coletânea, principalmente nas passagens onde Adorno comenta a sociedade norte-americana e o tema da dissolução da subjetividade devido à eleição da administração



Loredano

como paradigma epistemológico e ontológico por uma atualidade embrutecida intelectualmente. Seria apenas dentro dos limites de um tal paradigma que se submeter à psicoterapia e fazer ginástica teriam o mesmo estatuto intencional: praticar os músculos operadores do sucesso egoico num mundo psicossocial alienado e imerso num real supervalorizado e imóvel.

É exatamente aí, enfrentando uma entidade que surge como auto-suficiente e autojustificada (o real supervalorizado, ou seja, o que vale é a "felicidade" material — já que a eternidade é duvidosa — no espaço de tempo empírico), que será posta a discussão sobre a educação e o professor. O tema é visto nas suas relações com a mídia (*Televisão e Formação*); nas suas relações mais diretamente políticas (*O que Significa Elaborar o Passado, Educação após Auschwitz e Educação contra a Barbárie*); ou dentro do campo mais restrito do trabalho educativo (*A Filosofia e os Professores, Tabus acerca do Magistério, Educação — para quê? e Educar para Emancipar*).

Todavia, seria temerário não perceber que para Adorno — como muito bem nos mostra na sua instrutiva introdução o tradutor, quando situa formação e consciência no pensamento de nosso autor — a questão da educação é política. A partir deste binômio, a educação chega a ser identificada prioritariamente com a "desbarbarização": Auschwitz significa antes de tudo que o nazismo tecnológico nada mais é do que um exemplo da razão instrumental auto-suficiente (aquela mesma que é moda tomar como "naturalmente" suprema) à deriva, sem uma consciência ativa, que, atrofiada, se tornou incapaz de acompanhar sua própria supercriação material. Contra o isolamento lógico e histórico do nazismo (o que Hannah Arendt também diz), o que vemos é este surgir como a consequência necessária do delírio instrumental.

Seria fundamental o leitor se dar conta de que Adorno — como é de hábito — opera aqui um

desmantelamento dialético de idéias como educação, alienação, inteligência, etc. Por detrás de uma apressada apreensão — comum por parte dos profissionais da área — dos temas da educação como campo de entidades "naturais", ideais ou mesmo "científicas", Adorno vê o condicionamento rígido e objetivo da alienação tal como nos mostram Marx e Freud. A educação se perde mais ainda quando é praticada sem consciência de sua historicidade e sobre-determinação material. Tal esquecimento é rotineiro por parte de uma psicologia e pedagogia ingenuamente — ou não — "subjetivistas" (como se Hegel e Marx não tivessem existido). Para Adorno, a cegueira da educação — e sua impotência como importante sinal de fracasso do projeto iluminista da civilização — piora quando os professores não praticam "em si mesmos" aquilo que supostamente deveriam praticar "nos outros": entre outras coisas, a destruição rigorosa das ilusões determinadas pelo "naturalismo" psicológico e econômico. Educar é resistir à estupidez ontológica.

Tal proposta não leva a pensar que, diante de missão tão difícil — nas condições atuais do capitalismo tardio, a consciência se coisifica ao invés de apresentar uma aptidão para experimentar o real, transformando a si mesma e ao objeto na experimentação —, antes de tudo é a própria impotência da condição do professor que deveria ser pensada a fim de armar o profissional para a batalha com o "imóvel" real.

■ Luiz Felipe Pondé é filósofo, mestre pela USP, atualmente fazendo pesquisa de doutorado sobre a relação entre metafísica e psicologia pragmática na Universidade de Paris 8 e no Hospital Salpêtrière (Grupo de Epistemologia Clínica Aplicada às Psicoterapias)

SERVIÇO

Educação e Emancipação, de Theodor W. Adorno, tradução e introdução de Wolfgang Leo Maar, Editora Paz e Terra, 190 páginas, R\$ 16,00